

PRECISAMOS DE AFETO PARA (RE)ENCONTRAR O FIO DA MEADA

NECESITAMOS DEL AFECTO PARA (RE)ENCONTRAR EL HILO

WE NEED AFFECTION TO (RE)FIND THE THREAD

Juliana Batista Faria¹
Ana Rafaela Correia Ferreira²
Denise Alves de Araújo³
Diogo Alves de Faria Reis⁴
Renata Alves Costa⁵
Roselene Alves Amâncio⁶
Warley Machado Correia⁷

RESUMO: Este texto é fruto de um trabalho investigativo-formativo que se encontra em andamento, sendo realizado por docentes de Matemática do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais. Inspirados pela experiência de uma das professoras com a “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas” (SUAREZ, 2011), os autores desenvolveram um processo de escrita de narrativas sobre suas experiências pedagógicas com o Ensino Remoto Emergencial e refletiram coletivamente sobre elas. O texto narra, em primeira pessoa do plural, os primeiros movimentos dessa experiência de “pesquisa-formação” (PASSEGGI, 2016) entre pares, trazendo à tona uma das lições tecidas por docentes de Matemática que, diante do desafio de vivenciar a escola no contexto da pandemia da Covid-19, reconstruíram sentidos para o pensar, o sentir, o fazer e o ser docentes da educação básica. “Precisamos de afeto para (re)encontrar o fio da meada” é uma lição que condensa vários sentidos importantes para os autores em torno da temática da afetividade na docência. O artigo é a primeira produção compartilhada pelo grupo, em que os autores construíram um modo de contar o que lhes aconteceu desde o início da pandemia e como foram percebendo o afeto como uma necessidade da docência (e da vida).

Palavras-chave: Afetividade; Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas; Ensino Remoto Emergencial.

RESUMEN: Este texto es el resultado de un trabajo de investigación-formación que está en curso, realizado por profesores de Matemática del Centro Pedagógico de la Escuela de Educación Básica y Profesional de la Universidad Federal de Minas Gerais. Inspirados en la experiencia de una de las docentes con la “Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas” (SUAREZ, 2011), los autores desarrollaron un proceso de escritura de narrativas sobre sus experiencias pedagógicas en el contexto de enseñanza remota por emergencia sanitaria y reflexionaron colectivamente sobre ellas. El texto narra los primeros movimientos de

¹ Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – E-mail: julianabatista@ufmg.br.

² Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: anarafaelacf@cp.ufmg.br.

³ Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional e Coordenadora do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: denisearaujo@ufmg.br.

⁴ Doutor em Educação, Professor de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: diogofaria@ufmg.br.

⁵ Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: renata-mat@ufmg.br.

⁶ Mestre em Ensino de Matemática, Doutoranda em Educação, Professora de Matemática, Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: roseleneamancio@ufmg.br.

⁷ Doutor em Educação, Professor de Matemática, Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: warleymc@ufmg.br.

esta experiencia de “investigación-formación” (PASSEGGI, 2016) entre pares, visibilizando una de las lecciones extraídas por profesores de matemáticas que, ante el desafío de vivir la escuela en el contexto de la pandemia de Covid-19, reconstruyeron sentidos para pensar, sentir, hacer y ser docentes de educación básica. “Necesitamos del afecto para (re)encontrar el hilo” es una lección que condensa varios sentidos importantes para los autores en torno al tema de la afectividad en la enseñanza. El artículo es la primera producción compartida por el grupo, en la que los autores construyeron una manera de contar lo que les pasó desde el inicio de la pandemia y cómo llegaron a percibir el afecto como una necesidad de la enseñanza (y de la vida).

PALABRAS CLAVE: *Afectividad; Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas; Enseñanza Remota por Emergencia Sanitaria.*

ABSTRACT: This paper is a result of an investigative-formative work that is in progress, being carried out by Mathematics teachers from the Pedagogical Center of the Education and Professional School in the Federal University of Minas Gerais. Inspired by the experience of one of the teachers with the “Narrative Documentation of Pedagogical Experiences” (SUAREZ, 2011), the authors developed a process of writing narratives about their pedagogical experiences with “Emergency Remote Teaching” and collectively reflected on them. The paper narrates, in the first person plural, the first movements of this experience of “research-training” (PASSEGGI, 2016) among peers, bringing to light one of the lessons taught by Mathematics teachers who, faced with the challenge of experiencing school in the context of the Covid-19 pandemic, reconstructed meanings for thinking, feeling, doing and being teachers of basic education. “We need affection to (re)find the thread” is a lesson that condenses several important meanings for the authors around the theme of affectivity in teaching. The article is the first production shared by the group, in which they built a way of telling what happened to them since the beginning of the pandemic and how they came to perceive affection as a necessity of teaching (and of life).

KEYWORDS: *Affectivity; Narrative Documentation of Pedagogical Experiences; Emergency Remote Teaching.*

Introdução

Este texto é fruto de um trabalho investigativo-formativo em andamento, realizado por docentes de Matemática do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais. Inspirados pela experiência de uma das professoras com a “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas” (SUÁREZ, 2011), desenvolvemos um processo de escrita narrativa sobre nossas experiências com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e refletimos coletivamente sobre as narrativas produzidas por nós. É com muita alegria que compartilhamos, no fascículo de estreia da Revista do Centro Pedagógico, uma narrativa sobre essa experiência de “pesquisa-formação” (PASSEGGI, 2016) entre pares, que traz à tona uma das lições tecidas por docentes de Matemática que, diante do desafio de vivenciar a escola no contexto da pandemia da Covid-19, reconstruíram sentidos para o pensar, o sentir, o fazer e o ser docentes da educação básica.

O trabalho investigativo-formativo: escrita, leitura e conversa sobre as narrativas

Tudo começou com um convite: a professora Juliana se dispôs a coordenar o processo, convidando-nos a escrever um texto no qual contássemos a história de como vivenciamos a docência no ERE: o que fizemos, o que aprendemos, o que sentimos, sobre o que refletimos... Temas comuns no cotidiano da escola (avaliação, por exemplo) foram sugeridos, com algumas perguntas, para disparar o processo da escrita, mas cada pessoa poderia escrever sua narrativa da maneira como se sentisse mais confortável. Algumas perguntas buscavam reconstruir histórias vivenciadas por nós de um modo bastante pessoal: Como eu me sentia em relação a ensinar no contexto de uma pandemia? Que dificuldades eu tinha para começar? Que sensações eu tinha? Que movimentos eu fiz, internamente e externamente, para dar conta dessa situação?

Aceitamos o convite e escrevemos, por um período que variou entre duas e quatro semanas, nossa primeira versão da narrativa, a qual foi enviada diretamente para a professora Juliana. Ela leu os textos e enviou para cada um de nós um áudio de *WhatsApp* que compartilhava como havia sido sua experiência de leitura: que sentimentos, lembranças e reflexões o texto lhe havia provocado e que partes ou expressões lhe pareciam mais potentes para compor um texto coletivo. Em seguida, ela nos enviava sua própria narrativa e pedia que fizéssemos o mesmo movimento com o texto dela.

Esse processo foi vivido de maneira muito distinta para cada um de nós. Em alguns casos, foram longas as conversas disparadas pelo *WhatsApp*, com sucessivas trocas de mensagens e áudios que fizeram com que os textos se expandissem em novas histórias e reflexões. Também foram trocadas impressões por escrito no interior da narrativa, no caso de uma de nós. A etapa seguinte a esse processo foi um encontro ao qual denominamos “Círculo de Leitura”: *Renata lê Diogo que lê Roselene que lê Ana Rafaela que lê Denise que lê Warley que lê Renata, fechando o círculo.*

Como todos já haviam lido a narrativa de Juliana e vice-versa, seu texto não entrou nesse círculo. Ela apenas coordenou o encontro online onde cada um contava para os demais a experiência de leitura do texto do colega. Cada texto provocou conversas que proporcionaram novas reflexões e o reconhecimento dos diferentes modos de pensar, sentir e vivenciar a docência no ERE. Nessas conversas, tecemos possibilidades de tematizar as experiências relatadas, explorando as vivências que foram importantes para todos e destacando as potencialidades, as singularidades e a riqueza de sentidos da narrativa de cada um. Esse encontro teve a duração de aproximadamente duas horas e

foi gravado. De posse da gravação, a professora Juliana assistiu novamente ao encontro, buscando encontrar, nas palavras ditas por todos, expressões que fossem potentes como “núcleos de sentidos” (FARIA, 2018) coletivos de nossas experiências pedagógicas com o ERE. De posse do material produzido por ela, nos encontramos novamente e tomamos as decisões para a escrita deste e de outros textos que serão fruto dessa rica experiência de pesquisa-formação entre pares. Inspirados em Benjamin (2012), extraímos várias lições de nossas experiências. Para este texto, trazemos aquela que se relaciona com a afetividade. Para tratar dessa lição, costuramos fios de sentidos de nossas experiências, construindo um modo de contar o que nos aconteceu desde o início da pandemia e como fomos percebendo o afeto como uma necessidade da docência (e da vida).

Lição da Experiência: precisamos de afeto para (re) encontrar o fio da meada

Sentir-se perdida, insegura, atordoada, paralisada. Sentir-se angustiado, ansioso, triste, abalado. Interrupção, susto, solidão, medo, pânico, caos, incômodo, não saber... A pandemia da Covid-19 nos colocou em suspensão, perdemos o chão e, por algum tempo, ficamos confusos sobre o que fazer, perdemos o fio da meada de como conduzir nosso trabalho. Mais do que isso, ainda não havíamos construído nenhum sentido para a educação e, especificamente, para a Educação Matemática, em um contexto pandêmico.

Talvez tenhamos perdido o chão porque, de fato, perdemos o chão da escola e passamos a ensinar no ambiente virtual. Nossa escolha por sermos profissionais da educação básica é muito baseada no quanto gostamos dos momentos que vivenciamos com as crianças e os adolescentes na escola, tudo pautado na presença, “olho no olho”.

*Para mim, a melhor parte de ser professora está na relação com os estudantes. Eu costumo brincar que ensinar matemática é só uma desculpa que eu uso para vivenciar essa relação e construir, junto com meus alunos, uma maneira bonita e inteligente de ver a vida, de compreender a realidade, de sonhar e de realizar coisas boas para si e para o mundo.
(Trecho da narrativa da professora Juliana)*

Antes de começar, tínhamos muito receio de que não fosse possível construir relações afetivas pelo ERE. Durante os dois anos de pandemia, no entanto, vimos que no ERE há manifestações de carinho, de proximidade, de afeto. E há indiferença, distanciamento, apatia. Percebemos que o que pode existir nas relações humanas pode existir no ERE, só que não do mesmo jeito e com a mesma intensidade. Ao conversarmos

sobre nossas narrativas, ficou evidente o afeto como uma necessidade, uma condição da docência; a afetividade como uma dimensão essencial do ensinar e do aprender. Algo que Paulo Freire (1996) já dizia: a amorosidade como uma dimensão constitutiva da docência.

Um dia eu comentei que estava muito frio aqui em casa, então mais de dez alunos levantaram a mão para dizer que a casa deles é fria porque eles moram num lugar alto, para explicar que no lote que eles moram tem várias casas, que na casa deles bate pouco sol, que podem jogar bola porque no prédio que eles moram tem quadra, outro disse que no prédio dele não tem quadra, mas que ele joga futebol no prédio do vizinho, outros foram contar que estavam ficando na casa da vó, outros queriam dizer que estão ficando sozinhos porque os pais voltaram a trabalhar.... O assunto do frio virou assunto de casa. Mas depois que eu disse que iríamos finalizar a conversa para começar a aula, um aluno disse “Professora, você está com quantas blusas de frio?” Então voltou a discussão oral e no chat, alguns alunos apostando que iriam acertar se eu estava com 3 ou 4 blusas de frio (realmente eu sou frienta). Outros voltaram a falar que não estavam usando blusa de frio porque o lugar em que moram é bem quentinho. Então eu finalizei a conversa: Anotem o tema de hoje porque vamos começar a aula! Conversas simples assim, que ocorreram em várias aulas, mostram o tanto que é bom que os estudantes possam falar sobre coisas da vida, mesmo que a professora interrompa porque também é preciso que eles aprendam Matemática. (Trecho da narrativa da professora Roselene)

A narrativa da professora Roselene evidencia a beleza do movimento de escutar aos alunos, ao mesmo tempo que isso às vezes nos angustia e precisa ser interrompido (quando o tema da conversa não se conecta com o tema da aula). Essa interrupção não acontece somente no ERE, mas a sensação de termos pouco tempo para promover a aprendizagem de Matemática parece ser mais dramática na modalidade remota, pois há menos tempo para conviver com os estudantes e para ensinar Matemática.

Acredito que a minha sorte foi ter conhecido um pouco os estudantes antes de iniciar a pandemia e já criado alguma relação com eles. Sobre a participação, a grande maioria não participa. Ninguém abre a câmera ou o áudio. Quando participam, é mais pelo chat. (Trecho da narrativa da professora Ana Rafaela)

Nossas narrativas expressam grande sentimento de perda, de vazios, de tristeza com o ERE, especialmente com as respostas que os adolescentes, de um modo geral, deram a tudo que fizemos. Entre as crianças também tivemos esse sentimento, pois muitas delas foram se cansando e desaparecendo das câmeras, outras nunca se manifestaram. Mas é preciso refletir de modo especial sobre os efeitos que o isolamento social teve sobre a vida dos adolescentes e como isso afetou nossas aulas, nossas relações com eles e com os colegas, bem como nossos sentimentos em relação aos

resultados de nosso trabalho. Os adolescentes já conhecem os efeitos negativos que a exposição nas telas pode ter, têm receio de que suas telas sejam copiadas, de virarem “memes” conforme o que disserem. Eles se preocupam com sua imagem perante os colegas, por isso resistiram muito a se expressarem pela tela.

Minha relação com o 9º [2020] foi mais forte – por conta da convivência física de antes. Com o 7º [2021] ainda está em construção. E depois de voltarmos semi-presencialmente (uma vez por semana, encontramos um grupo de 6 estudantes, no meu caso, todas as sextas-feiras) a conexão online está se tornando melhor. A gente lembra da cara, do corpo, da forma de agir durante as atividades presenciais nas aulas remotas. Não foram todos, por volta de 60% apenas dos estudantes dos 7º anos que retornaram, mas já foi suficiente para transformações ocorrerem. (Trecho da narrativa do professor Diogo)

Todos nós perdemos e (re)encontramos o fio da meada por diversas vezes: vivenciamos perdas de relação com alguns estudantes, tentamos resgatá-los, reencontramos alguns, outros não.

Ao contrário do ensino presencial, o ensino remoto me trouxe um sentimento de solidão. Frequentemente eu sentia falta de ver o rostinho das alunas e dos alunos, que muitas vezes diz muito a respeito do que estão aprendendo (ou não). No contexto do ERE, em diversos momentos, tive um sentimento de não ser professor (pelo menos, não aquele que tento ser); de não ser alguém que faz o aluno pensar, criticar e refletir a respeito do seu processo de aprendizagem. Acabei, muitas vezes, sendo um mero reprodutor de conteúdo, postado em livros didáticos. Algo que sempre fui contra. (Trecho da narrativa do professor Warley)

A baixa participação dos adolescentes nos deixava solitários no diálogo que poderíamos estabelecer com a Matemática, causando um mal-estar no modo como tínhamos que conduzir as atividades síncronas. Isso não era diferente na produção dos materiais destinados às atividades assíncronas, em função das reflexões que fazíamos sobre como ensinar Matemática no ERE: por mais que tentássemos fazer materiais que dialogassem com os estudantes, não estaríamos presentes na realização das tarefas. Isso fazia com que nossos materiais assumissem algumas características tecnicistas, o que nos incomodava bastante, já que nossas aulas costumam ser muito dialogadas e baseadas em atividades de exploração e investigação matemática.

Apesar desse mal-estar, destacamos o quanto é importante buscar ver o lado bom de nossas experiências pedagógicas, para que possamos cultivar a alegria na docência. Olhar para trás e perceber que fizemos o melhor que pudemos, nas condições que tivemos, nos fortalece. Uma conversa que acolha nossas dificuldades e frustrações é

importante, mas essencial é trazer à tona o que fizemos de bom. Essa é uma prática que coloca a generosidade, para conosco e para com os colegas, como um valor importante para a docência.

Eu me sinto satisfeita com o que faço quando penso nas condições que tenho. Acho que faço o melhor possível. São muitas perdas, não poder interagir com as crianças e avaliar o processo de aprendizagem mais de perto. Por outro lado, as vezes fico pensando se as coisas no presencial andavam tão bem assim. O ERE nos impôs um acompanhamento muito mais próximo dos estudantes e eles por sua vez tem muito mais acesso a nós. Mais vigilância ou mais assistência. O que estamos fazendo mais? Mais trabalho, não tenho dúvidas, pois é mais difícil delimitar o tempo para fazer as coisas no remoto (Trecho da narrativa da professora Denise).

A dimensão afetiva vivenciada no ERE se mescla às possibilidades cotidianas de acesso dos estudantes e suas famílias a nós, por meio da Plataforma Moodle CP. Em alguns casos, pudemos dar mais assistência individual aos alunos do que aquela que conseguimos dar em sala de aula. No entanto, algo que nos incomodou foi a sensação permanente de vigilância e cobrança. A pergunta inspirada pela narrativa da professora Denise (mais assistência ou mais vigilância?) nos levou a refletir sobre as tensões vivenciadas durante a pandemia. O ERE mudou temporariamente, mas de modo radical, a organização dos tempos escolares, a abordagem dos conteúdos, as leis. Tais mudanças criaram inseguranças em gestores, professores e famílias, o que fomentou ações de vigilância e cobrança entre todos. As tensões e sobrecargas desse processo foram, sem dúvida, prejudiciais à saúde física, mental e emocional de toda a comunidade escolar.

(...) Fiquei com muito medo. Chorei muito por pessoas que não conhecia, por famílias inteiras sendo arrastadas por esta doença. Filhos que não podiam enterrar seus pais. Esposas que não podiam se despedir dos maridos. Cenas chocantes de padres dando a bênção final em milhares de caixões. Aquilo me deixava cada vez com mais medo. Meus filhos, com pavor de nos perder, e nós, com pavor de deixá-los. Nunca senti tanto medo. Decidimos que o melhor que poderíamos fazer era rezar e pedir a Deus proteção. Paramos de assistir ao noticiário e começamos a orar todos os dias. Tínhamos um ao outro. (Trecho da narrativa da professora Renata)

A vivência da pandemia nos trouxe experiências existenciais profundas, que vão muito além dos desafios comuns à profissão docente. Tivemos de encarar as expressões da vida (e da morte) de um modo muito diferente. Vivenciamos angústias, medos, dores, dificuldades. O amor, a união, o cuidado e a fé nos auxiliaram a enfrentar isso, especialmente junto a nossos familiares. Essas dimensões da vida não se separam daquilo que somos ou podemos ser como docentes.

Considerações finais

Neste texto, buscamos narrar os primeiros movimentos de uma experiência de pesquisa-formação em andamento. Compartilhamos um pouco do processo que vivenciamos para escrever este texto, pois consideramos que ele pode inspirar outros docentes a tomarem as narrativas pedagógicas como forma de refletir coletivamente sobre suas práticas. Trouxemos algumas reflexões que o movimento de escrever, ler e conversar sobre nossas narrativas de experiência pedagógica no Ensino Remoto Emergencial nos inspiraram a realizar. “Precisamos de afeto para (re)encontrar o fio da meada” é uma lição da experiência que condensa vários sentidos importantes para nós em torno da temática da afetividade na docência e abre um horizonte de muitas possibilidades futuras de diálogo com a literatura. Por ora, nossos esforços se concentraram em compartilhar com a comunidade acadêmica alguns dos desafios que enfrentamos no ERE em relação a essa temática e alguns olhares que construímos coletivamente sobre como vivenciamos a docência no contexto da pandemia.

Referências

BENJAMIN, W. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas, v.1), p. 213-240.

FARIA, J. B. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: experiências de formação de sujeitos em imersão docente.** Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018, 385 f.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PASSEGGI, M. C. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico.** Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 22/03/2022.

SUÁREZ, D. H. **Indagación pedagógica del mundo escolar y formación docente.** Revista del IICE, 2011, nº 30. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/iice/article/view/142>. Acesso em: 01/04/2022.